

Parkurbis

A casa da tecnologia

Foi pensado para dar vida a novas empresas de base tecnológica numa região marcada pelo desemprego crescente. O Parkurbis conta já com oito empresas viradas para novos sectores de desenvolvimento. Aproveitar ideias inovadoras e revitalizar o tecido produtivo e económico da região são algumas das promessas do novo espaço.

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Implantado no Parque Industrial do Tortosendo, o edifício do Parkurbis ganha destaque entre as demais unidades fabris, quer pela arquitectura moderna, onde se interligam pavilhões, escritórios, lojas, um auditório com capacidade para 200 pessoas, um restaurante e até um jardim interior, quer pela localização privilegiada com a A23.

O "choque tecnológico" de que o País precisa e que o Governo anunciou há bem pouco tempo, através de algumas medidas de incentivo à investigação e à criação de empresas, poderia muito bem ter no Parkurbis um exemplo perfeito. Ainda assim, esta estrutura que nasceu através da vontade da Câmara Municipal da Covilhã e de mais de uma dezena de associados reúne alguns dos principais projectos de jovens empreendedores vindos da Universidade da Beira Interior (UBI) e foi buscar as suas linhas mestras a outros projectos europeus.

Tecnologia é o que não falta nesta "incubadora", nem ideias arrojadas. Veja-se o sistema de segurança que protege o edifício. Concebido por uma das empresas localizadas no Parkurbis, a Omnisys, este sistema de identificação e acesso a instalações reúne num pequeno cartão todos os dados do seu portador. Pedro Farromba, director-executivo do Parkurbis explica ao pormenor as maravilhas de um dos primeiros trabalhos feitos pela Omnisys. Cada pessoa ligada à estrutura tem um cartão de identificação que armazena num pequeno *chip* informações únicas como a impressão digital do seu porta-



O Parkurbis aproveita o talento e as ideias inovadoras

dor. "Para se aceder ao interior do edifício não basta passar o cartão na ranhura óptica, é também necessário colocar a impressão digital num aparelho para que este identifique de forma precisa quem está a aceder às instalações".

Estes passos que até há bem pouco tempo apenas funcionavam em filmes de ficção científica estão agora a ser utilizados no novo espaço. No interior, várias salas estão preparadas para acolher as empresas. Todas equipadas com ligações telefónicas, Internet e mobiliário específico. Algumas áreas de maiores dimensões "podem ser utilizadas para reuniões de grupos, pequenas palestras e outras actividades inerentes às empresas", explica o director-executivo. Para as grandes conferências "estará a funcionar o auditório". Um espaço com lugar para 200 pessoas. Logo ao lado, com um enorme jardim interior a servir de "decoração" está um dos espaços mais amplos do Parkurbis. Por enquanto ainda sem as divisões, esta enorme sala está preparada para "instalar

mais de 50 empresas", sublinha o responsável. Ainda no perímetro edificado do Parkurbis, cifrado em 35 mil metros quadrados, vai também funcionar um restaurante, um bar e várias áreas comerciais, como uma dependência bancária, uma agência de seguros, lojas de informática, entre outras.

O início de um longo caminho

Carlos Pinto, presidente da Câmara Municipal da Covilhã e também do Conselho de Administração do Parkurbis tece vários comentários de elogio a este novo espaço. Construído no seio de uma região marcada pela indústria dos têxteis e pela grave crise de desemprego que atravessa o País, o Parkurbis "é um indicador de novos caminhos", adianta o autarca. Neste projecto que teve um investimento global de 3 milhões e 500 mil euros, estão associados à Câmara da Covilhã, a UBI, o Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento (IAPMEI), a Portugal Telecom, SGPS, a Caixa Geral de Depósitos, a

Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, a Associação Nacional dos Industriais de Lanifícios (ANIL), a Associação Empresarial da Covilhã, Belmonte e Penamacor (AECBP), o Núcleo Empresarial da Região de Castelo Branco (NERCAB) e a FRULACT, Sociedade Gestora de Participações Sociais, SA.

Agora que esta "incubadora" de novas empresas começa a trabalhar, Carlos Pinto é o primeiro a admitir que "se está no início de um caminho longo que todos esperam que se venha a revelar bastante produtivo para a nossa região". Para o presidente da autarquia covilhanense, o Parkurbis pode mesmo vir a tornar-se na porta da Europa, no que respeita a novas tecnologias. Daí que o trabalho que está já a ser feito "tenha várias frentes". A autarquia promoveu recentemente um protocolo entre várias empresas brasileiras e o Parque de Ciência e Tecnologia. Mas a câmara "continua em busca de parceiros pela Europa e pelos Estados Unidos da América". Neste momento, para além das oito empresas que estão a laborar sob a "aba" do Parkurbis há mais "cinco ou seis prestes a serem propostas ao Conselho Científico", sublinha o autarca social-democrata.

Pedro Farromba explica que o Parkurbis "funciona como um incubadora de empresas em vários aspectos". Aquilo que os responsáveis mais anseiam "é captar as boas ideias e torná-las possíveis". A UBI funciona como uma verdadeira nascente de projectos empreendedores, "grande parte das empresas que estão aqui sedeadas pertencem a docentes e alunos da UBI", explica o director-executivo do parque

tecnológico. Virado para empresas da área das tecnologias da informação, o Parkurbis funciona como uma alavanca inicial. Todo o processo de criação de empresas "foi reduzido o mais possível". Os interessados apresentam a sua proposta, "que terá de ser um projecto inovador", afixa Farromba. Essa mesma proposta será depois estudada pelo Conselho Científico do parque. Caso seja aprovada, o Parkurbis vai possibilitar "um espaço para a sede dessa nova entidade, procurar capitais de risco que funcionem como capital inicial e acompanhar todo o processo de desenvolvimento".

Esta "incubação" tem um limite máximo de cinco anos. Período que deverá ser suficiente para o crescimento e solidificação da nova entidade. O parque tem ainda disponíveis 2.000.000 metros quadrados de terreno para uma possível expansão.



Um espaço que promete inovar

> Da teoria à prática

António Pires, José Carlos Correia e Nuno Silva são os três sócios-gerentes da Consispro. Uma empresa que nasceu nos bancos da UBI "quando o professor Palma Nobre, do Departamento de Engenharia Electroquímica nos deu a escolher vários temas para o trabalho de final de curso". De entre os itens estava o da manutenção industrial, aquele que acabou por ser escolhido por José e António, ambos a frequentar o curso de Engenharia de Gestão e Produção Industrial (EPGI). Para dar algum apoio à ideia juntou-se a esta dupla, Nuno Silva, então aluno em Matemática/Informática.

Com as primeiras ideias no terreno, "foi o próprio professor Palma Nobre que nos disse que esta ideia tinha potencial para ser comercializada". "Começamos por pensar em montar uma empresa que pudesse funcionar consoante os



José Carlos Correia (à esquerda) e António Pires, da Consispro

trabalhos que arranjássemos", explica António, mas depois "concorremos também ao Ideia Activa, um concurso que premeia os melhores projectos empreendedores, onde alcançámos o primeiro lugar". Daí até estes jovens empreendedores estarem a representar Portugal num certame internacional sobre novas tecnologias da informação foi um passo. Quase o mesmo que foi

dado para chegar ao Parkurbis. "Esta estrutura é de uma importância crucial para toda a região e para todos aqueles que como nós queiram apostar nesta zona do País". Foi neste parque tecnológico que a Consispro, tal como a Omnisys, a Vedior e outras tantas empresas encontraram sede. António Pires é o primeiro a apontar a forte ligação "entre o parque e a Universidade". Este jovem em-

presário refere que "agora os bons trabalhos vão poder ser concretizados". Um desafio que "representa também mais um estímulo para os estudantes da UBI".

Os três jovens trabalham já com cerca de 30 empresas "todas aqui da região". Virada essencialmente para as novas tecnologias, a Consispro projecta *software's* específicos. José Correia lembra ainda o primeiro cliente. "Quería uma página para colocar na net", desde essa altura que "fazemos de tudo um pouco". Páginas para empresas, programas de gestão e contabilidade e agora apostam "em nichos de mercado". A mais recente aplicação informática vai ser instalada "numa queijaria". Todo o programa de gestão de produção e de qualidade foi elaborado pela Consispro "desde a entrada do leite até à saída do queijo, tudo vai ser comandado e monitorizado por computadores e pelo nosso

programa", refere António. Para além das queijarias "há também lagares de azeite e muitas outras empresas que precisam de programas de computador específicos", concebê-los é a função destes jovens empresários.

No futuro próximo, as ideias estão "programadas" para um crescimento a nível nacional, mas também para Espanha, "um crescimento calmo, com cada passo a ser dado de cada vez", sublinham. Já a Omnisys, empresa de componentes informáticos seguros teve o mesmo início que a Consispro. Os quatro proprietários são docentes na UBI e foi na Universidade que se deram conta da falta de uma empresa, na área da informática que construa e comercialize sistemas seguros. Os primeiros passos estão também já a ser dados no Parque de Ciência e Tecnologia da Covilhã.